

MARIA Tudor, finalmente em cartaz neste mês de dezembro. 0 Estado de São Paulo, São Paulo, 03 dez. 1978.

## 'Maria Tudor', finalmente em cartaz neste mês de dezembro

Os ensaios já começaram. Cantores, músicos, coralistas, bailarinos retomam o trabalho. É preciso rever as partituras, recordar as marcações. Na seção de costura do Teatro Municipal o movimento é intenso. Há 320 roupas, com aproximadamente 3.500 peças diferentes, para os quase 150 artistas que compõem o elenco. Finalmente, a ópera "Maria Tudor", de Carlos Gomes, está de volta ao Teatro Municipal de São Paulo, depois de 35 anos, e estréia no próximo dia 15, às 21 horas.

Mais que uma espera de 35 anos, esta "Maria Tudor", produzida por E. Billoro Promoções Culturais S/C Ltda, teve que enfrentar uma montagem acidentada, que a impossibilitou, inclusive, de ser levada na data original, dentro da Temporada Lirica, a final de setembro. Estava tudo pronto: Mas o soprano argentino Nina Carini adoeceu e não pôde interpretar nem mesmo a personagem "Amélia Grimaldi" na ópera Simon Boccanegra, de Verdi, a terceira da temporada. Voltou para Buenos Aires. No lugar de "Maria Tudor" era levada, extraordinariamente, "Madame Butterfly", de Puccini. Um desânimo geral tomou todos os artistas. Nina Carini não estava bem e morria pouco depois, em seu país, no dia 24 de outubro, vítima de câncer no pâncreas. A ópera era adiada para dezembro, sem data definida.

Tantos acidentes, o mal estar entre os artistas. Nenhum, inclusive, aceita algumas críticas formuladas contra o empresário, que não previu incidentes como esse e não contratou uma substituta para Nina Carini. Um deles pergunta: "Quando uma pessoa sai assim, tão doente, como vamos ter ânimo para tocar o trabalho, mesmo com uma substituta?" O público, no entanto, ficou decepcionado. A montagem atropelada e fora de programa da ópera "Madame Butterfly" foi frustrante. Ainda mais porque os ingressos de "Maria Tudor" não serviram para ver a ópera de Puccini e

quem quis assisti-la teve de comprar novos, deixando os da temporada para dezembro.

Mas, superados todos esses problemas e também a ausência do brasileiro Nelson Portella, que faria o personagem "D. Gill" — Nelson foi convidado há algum tempo para uma série de apresentações na União Soviética agora em dezembro —, todos voltam ao trabalho com novo fôlego. São Paulo verá novamente "Maria Tudor", uma ópera composta logo após "Salvador Rosa" por Carlos Gomes,

narrando um dos momentos mais dramáticos e tumultuados da história da Inglaterra do Século XVI. Haverá três récitas: a de gala, no dia 15, às 21 horas; a vespéral, dia 17 de dezembro, às 16 horas e a extraordinária, dia 19, também às 21 horas.

No elenco, Mabel Veleris interpreta Maria Tudor; Adriana Cantelli é Giovana; Eduardo Alvares vive o personagem Fabiano Fabiani; Fernando Teixeira é Don Gil; Wilson Carrara é Gilberto; Luis Orefice faz Lord Clinton; Assadur Kiultzian vive o papel de Lord Montagu; Leila Taier interpreta um pagem e Odnilo Romanini, um arauto. O regente é o maestro argentino Mario Perusso. José Renato, brasileiro, é o "régisseur". Os figurinos e a cenografia foram executados por Flávio Phebo, sendo que a coreografia é de Dennys Grey. Na coordenação musical, preparo do coro e também como maestro substituto está Marcello Mechetti. Participam também a Orquestra Sinfônica Municipal, o Coral Lírico do Departamento de Teatros e o Ballet Magaly.

### Figurino especial

Toalhas de mesa, colchas de cama, toalhas de banho, cetins, veludos, panos de cortina, sedas, filós — certamente o público não terá da platéia a impressão de que essa miscelânea de panos é que possibilitou ao figurinista Flavio Phebo aproximar-se o máximo possível dos ricos tecidos usados no vestuário da corte de Maria Tudor. Ao

contrário, sob as luzes ofuscantes dos refletores ou mesmo as luzes mortíferas que iluminarão o baile real, durante a encenação da ópera, as telas de cortina, tingidas em tons pastéis, sobre tecidos brilhantes, imitarão perfeitamente os brocados das rainhas. Somente no mundo mágico do palco a fantasia sobrevive imponente. Nos bastidores, lá no sexto andar, a criatividade torna o latão precioso ouro.

— A preocupação era a textura, a cor — explica o laureado figurinista, ganhador da Coruja de Ouro, do Prêmio Governador de São Paulo e do Mambembe — e, assim, eu utilizei de tudo um pouco.

Na verdade, para realizar as 320 roupas do imenso figurino de "Maria Tudor", Flavio aproveitou até uma simples viagem de recreio à Europa para adquirir livros, ir a museus, enfim, estudar "seriamente sobre os trajes usados na época", a fim de reconstituí-los com fidelidade. "Mas depois da pesquisa, fomos obrigados, é claro, a adaptações segundo as disponi-

bilidades existentes, inclusive as financeiras. Não temos certos tecidos aqui, então o jeito foi improvisar, tentando chegar ao efeito mais próximo possível que eles causariam à distância e sob determinadas condições de iluminação".

Assim, Adriana Cantelli aparecerá radiante no palco, Giovana apaixonada, só que vestindo um belo traje confeccionado, entre coisas, com uma colcha de cama de "edredon", com aplicações de flores coloridas. O mesmo se dirá das "lindas" capas dos cortesãos de "Maria Tudor", feitas com as famosas cortinas.

Isso não significa que não haja muito veludo, pedrarias, shantungs, o que fatalmente levará os artistas a terem que suportar um calor incrível sob os holofotes do Teatro Municipal. "Mas que fazer? A Inglaterra é um país muito frio — esclarece Flavio — e não podíamos reproduzir um figurino de época com leves tecidos de algodão, ao gosto tropical".

As roupas foram confeccionadas por Fugli Iamada, os adereços por Conceição de Alencar, os sapatos por Mak Don. Mas isso há vários meses. E agora é preciso verificar se está tudo certo. Alguns artistas engordaram, outros emagreceram. Resultado: dona Matilde Godoi Adas, costureira do Teatro Municipal há 33 anos e atualmente chefe da seção, tem que resolver o problema contando com apenas uma auxiliar, dona Maria. Aperta aqui, alarga ali. Para Darcy Jarussi, assistente de

produção, "dona Matilde é uma heroína. Agüentar esse povo todo sem uma equipe, sem máquinas industriais e com pouco espaço não é fácil. Talvez esse seja o setor mais esquecido do teatro".

Os cenários, por outro lado, foram concebidos por Flavio de maneira mais modesta e dentro de uma linha convencional: "Apenas estamos usando apliques e formas sugeridas para dar a idéia do local onde se passam as cenas. Eu quis dar mesmo mais força para o figurino. O cenário, neste caso, é apenas moldura". Como ao realizar o contrato com o empresário a Secretaria Municipal de Cultura impôs uma cláusula para que ficassem para o teatro os figurinos de "Maria Tudor", o novo patrimônio para o guarda-roupa do Municipal "realmente enriquecerá", observa Flavio Phebo, o único problema é que já não há mais lugar para condicionar adequadamente os vestuários de tantas óperas e espetáculos.

Centro de Memória - Biblioteca



CMUHE010164